

“Cada um tem seu traço”: perspectivas sobre outro perfil de estudante de Arquitetura e Urbanismo

“Cada uno tiene su rasgo”: perspectivas sobre otro perfil de estudiante de arquitectura y urbanismo

Sessão Temática: ST01. O processo de projeto

RIBEIRO, Aline S. E.; Mestre; Universidade de São Paulo
alineseribeiro@gmail.com

Resumo

Este artigo trata de questões presentes no primeiro ano de graduação no contexto de adoção de medidas para ampliação do acesso à universidade, e de suspensão da Prova de Habilidades Específicas para a seleção da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. É proposta uma reflexão sobre a importância do conhecimento do perfil dos estudantes como base para revisões didático-pedagógicas que visem a democratização do ensino superior. Por meio de estudo bibliográfico e análise qualitativa, são trabalhados os conceitos de ajuste social e capital cultural como pontos de discussão para uma aproximação inicial sobre o tema. Constata-se que pesquisas sobre dificuldades de estudantes ingressantes publicadas no campo da educação podem servir como referência para investigações referentes ao curso de Arquitetura e Urbanismo. Pretende-se contribuir com o debate acerca das necessidades para o sucesso acadêmico dos futuros arquitetos e urbanistas.

Palavras-chave (3 palavras): ensino superior, capital cultural, perfil do estudante.

Abstract

This article deals with issues present in the first year of graduation in the context of the adoption of measures to expand access to the university and the suspension of the Specific Skills Test for admission to the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo. It proposes a reflection on the importance of knowledge of the student's profile as a basis for didactic-pedagogical revisions aimed at the democratization of higher education. Through a bibliographic study and qualitative analysis, as an initial approach, the concepts of social adjustment and cultural capital are discussed the subject. It appears that research on the difficulties of first-year students published in the field of education can serve as a reference for investigations regarding the Architecture and Urbanism course. It aims to contribute to the debate about the needs for the academic success of future architects and urban planners.

Keywords: higher education, cultural capital, student profile.

1. Introdução

As transformações do perfil dos estudantes universitários ocorrida nos últimos anos, em decorrência da diversificação das formas de ingresso, e a recente condição de isolamento em que fomos submetidos por uma pandemia, fizeram emergir questões que evidenciaram a necessidade de revisões didático-pedagógicas. A ampliação do acesso ao ensino superior, viabilizada no país ao longo das últimas décadas, resultou em maior heterogeneidade dos estudantes, com origens sociais, hábitos culturais e nível de preparação pedagógica diferentes.

No caso dos cursos de Arquitetura e Urbanismo (AU), soma-se às discussões sobre a democratização do acesso à graduação por sistemas de cotas, a problemática da Prova de Habilidades Específicas (PHE), instrumento utilizado para verificar se o candidato possui habilidades de representação e compreensão do espaço suficientes para acompanhamento do curso. A suspensão da PHE da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), a partir de 2017, com a adoção do Sistema de Seleção Unificada (SISU) como uma das possibilidades de seleção para o ingresso, mobilizou a comunidade acadêmica em torno de debates que buscam compreender quais os impactos desta suspensão em relação ao currículo do curso e quais práticas devem ser revistas em decorrência da mudança de perfil dos estudantes.

Neste contexto, este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância da conscientização acerca da crescente diversidade presente no corpo discente do curso de AU, e sobre a necessidade permanente do diálogo em favor do sucesso acadêmico dos novos alunos a partir da experiência atual do curso da FAUUSP. Esta reflexão não se encerra neste artigo e integra um dos aspectos abordados na pesquisa de doutorado em andamento da autora, que trata do ensino e aprendizagem de representações em arquitetura e urbanismo. Vale ressaltar que a discussão deste texto se apresenta sob a perspectiva de uma egressa da graduação da FAUUSP que atua como docente.

O artigo parte das pesquisas de Belletati (2011), Coulon (2017) e Ezcurra (2009), que verificam, a partir das transformações dos perfis dos estudantes, a necessidade de adaptação no primeiro ano, período em que se identifica maior dificuldade e maior possibilidade de evasão. Na sequência, a mudança do perfil dos estudantes da FAUUSP, o contexto das discussões e as ações de acolhimento, inclusão e permanência são apresentadas com a análise de dados presentes em documentos gerados pela faculdade por ocasião do debate sobre a suspensão da PHE. Por fim, é estabelecida uma discussão através de análise qualitativa, destacando discursos de estudantes sobre as implicações da mudança de perfil. Para tanto, são trabalhados os conceitos de *ajuste social* (EZCURRA, 2009) e de *capital cultural* (BORDIEU, 2011) como uma aproximação inicial das questões que caracterizam as dificuldades dos estudantes.

2. Estudantes ingressantes

A ampliação do acesso ao ensino superior foi viabilizada no Brasil, ao longo das últimas décadas, por medidas adotadas por instituições públicas e privadas. Nas universidades públicas, fazem parte deste processo os programas de expansão de unidades por todo o país, a adoção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), do Sistema de Seleção Unificada (SISU), e do sistema de cotas étnicas e raciais como formas de ingresso, além do vestibular tradicional. (COULON, 2017, p.1241)

Passaram a participar da vida universitária estudantes originários de camadas sociais mais desfavorecidas que, segundo Ezcurra (2009), apresentam não só um déficit econômico, mas também um déficit de capital cultural. Pela definição de Bourdieu (2011), o capital cultural é classificado como um princípio de diferenciação social, assim como o capital econômico. Conforme o autor, o sistema educacional segue reproduzindo a desigualdade do capital cultural, ao contrário do que é necessário para uma efetiva democratização do sistema.

A dificuldade de adaptação no início da graduação é verificada, sobretudo, em estudantes que não se enquadram em padrões ideais estabelecidos para o ingresso. Muitos destes alunos enfrentam não só um ajuste acadêmico, mas também um ajuste social ao entrarem na universidade, o que se torna mais difícil quanto maior for a diferença em relação às experiências educacionais anteriores. (EZCURRA, 2009, p.15)

Coulon (2017) questiona quais competências culturais e intelectuais deveriam ser adquiridas para que se aprenda um “ofício de estudante”, de maneira que o aluno consiga lidar com um conteúdo mais complexo, com arranjos mais sofisticados e com uma nova rotina de trabalho que se situa no mundo das ideias.

Neste sentido, a crença de que o ensino superior é uma continuidade do ensino médio é apontada pelo autor como um fator que contribui para o fracasso na universidade, já que além da ruptura na forma de apropriação dos conhecimentos, ocorrem também rupturas afetivas. A transição da adolescência para a vida adulta também é apontada como um fator importante, pois apresenta novas questões, como a necessidade do aumento da autonomia e da conciliação entre tempo de trabalho e de estudos. (BELLETATI, 2011; COULON, 2017)

2.1 As dificuldades do primeiro ano

O primeiro ano de graduação tem sido foco de estudos em todo o mundo. Ezcurra (2009) destaca as pesquisas de Vicent Tinto nos Estados Unidos¹, onde a abertura para as universidades ocorreu a partir dos anos 1950, diversificando o perfil de estudantes de jovens brancos dedicados apenas aos estudos, a pessoas mais velhas, negros e hispânicos. Em decorrência das desigualdades e do grande esforço necessário a ser empreendido por estes novos alunos, passaram a ser observadas a queda do desempenho acadêmico, desinteresse pela aprendizagem e evasão.

Segundo Coulon (2017), o fracasso acadêmico, ocorrido para muitos destes novos estudantes, repercute em sofrimento psicológico, desperdício econômico, além de não cumprir com a qualificação profissional que se desejava, o que acaba impactando na população de forma geral.

Para entender as razões deste problema, pesquisas sobre a adaptação no primeiro ano iniciam a aproximação traçando o perfil dos estudantes através de relatos pessoais. Em Coulon (2017), os dados foram coletados (entre 1984-1989) através de diários de escrita elaborados pelos estudantes da universidade Paris 8, na França, durante o primeiro trimestre do curso ao qual chamou de “diário de

¹ A autora se refere a uma série de textos de Vincent Tinto, destaca-se: TINTO, V. *Research and practice of student retention: what next?*, Pell Institute for the Study of Opportunity in Higher Education, Washington, 2005

afiliação²”, enquanto Belletati (2011) utilizou o questionário como recurso para a pesquisa realizada na USP.

Ao apresentar as respostas coletadas para sua pesquisa³, Belletati (2011) aponta diversas dificuldades enfrentadas pelos alunos da USP. A falta de tempo para se dedicar aos estudos é um dos principais problemas apontados, seja por dificuldade de gestão do tempo ou pelos compromissos profissionais. O perfil de aluno ideal, jovem e com possibilidades de se dedicar somente aos estudos passou a se misturar com alunos mais velhos e que possuem compromisso financeiro, precisando conciliar o trabalho e os estudos, interferindo de forma decisiva no desempenho acadêmico. Também é destacada pela autora a distância do local de residência em relação ao campus. Muitos alunos relataram demorar mais de uma hora em trânsito, o que implica em perda de tempo e em desgaste físico, prejudicial para a concentração durante as aulas.

Sobre fatores relacionados ao capital cultural, foram mencionados a falta de conhecimentos prévios exigidos (como a habilidade de leitura em inglês), a complexidade dos novos conhecimentos abordados nas disciplinas e a falta de habilidade em escrita acadêmica. No ambiente residencial, a falta de apoio familiar e a ausência de local adequado para os estudos foram mencionados. Além disso, uma possível expectativa por parte dos professores em relação aos conhecimentos prévios destes alunos, e uma cobrança pessoal que considera o peso do nome da instituição, mostram-se determinantes para a autoconfiança dos alunos e impactam seu comprometimento com os estudos.

As respostas dos alunos aos questionários de Belletati (2011) mostram também que aspectos relacionados ao espaço físico do campus e a didática influenciam na permanência dos estudantes, já que muitos consideram importante para a evolução dos estudos o momento da aula. Entre os itens apontados em relação à didática, está o fato de que a avaliação muitas vezes é percebida como um processo classificatório e não como parte da aprendizagem. Há também a questão de que a teoria e a prática por vezes não se relacionam e, por isso, são encaradas como dimensões diferentes. Sobre o espaço físico, além da importância de espaços para estudo, que muitas vezes são insatisfatórios ou escassos além da sala de aula, os alunos indicam a falta de espaços para socialização.

Belletati (2011) identificou ainda que, embora todos os estudantes passem pela mesma fase neste momento inicial do curso, suas trajetórias divergem de acordo com as vivências de cada um, mostrando a importância de se conhecer quem são os alunos antes de se definir qualquer estratégia focada em desenvolvimento de habilidades ou construção de novos conhecimentos.

² Coulon (2017) define que estar afiliado, significa ser membro de um grupo e possuir os conhecimentos sobre determinados comportamentos, acordados socialmente de maneira informal, mas que são de conhecimento de todos. No caso dos ingressantes do ensino universitário, o autor conclui que os estudantes que não se afiliam acabam fracassando.

³ A pesquisa foi elaborada a partir da interpretação de dados coletados por questionários abertos aplicados a 40 ingressantes de 2009 dos cursos de Ciências Biológicas, Letras e Licenciatura em Física. O primeiro questionário foi aplicado em maio para identificar as dificuldades percebidas pelos alunos nos primeiros meses de graduação e o segundo foi aplicado em junho-julho de 2010 a 10 destes alunos fornecendo informações sobre como eles lidam com os obstáculos apontados.

2.2 Possibilidades para a permanência

Diante dos desafios encontrados durante o primeiro ano de formação, iniciativas que visam a inclusão, o acolhimento e a permanência de estudantes são empreendidas nas universidades. Ezcurra (2009) exemplifica com o caso norte americano, através dos estudos de Tinto acerca do desenvolvimento de alunos de primeiro ano no qual, a partir dos anos 1980, foram adotadas medidas que atendessem questões como a queda no desempenho acadêmico e a evasão. Segundo a autora, Tinto afirma que até os anos 1970, o fracasso de estudantes era apenas atribuído a eles próprios, isentando a instituição de qualquer responsabilidade.

Neste contexto, são destacadas as iniciativas dos Seminários do Primeiro Ano, cuja proposta geral consistia no desenvolvimento de debates de temas pré-definidos por pequenos grupos de estudantes, e os Seminários de Orientação, que traziam temas como habilidades de estudos, recursos e serviços, gestão de tempo, planejamento acadêmico e desenvolvimento do pensamento crítico. (EZCURRA, 2009, p.23)

Outro instrumento utilizado é a aplicação de pesquisas no início e no fim do primeiro ano para verificação do efeito das ações pedagógicas promovidas. Dessa maneira, as universidades se responsabilizam por contribuir com a diminuição das diferenças de capital cultural observadas entre os alunos ingressantes.

Conforme Ezcurra (2009), as pesquisas sobre as experiências em universidades dos EUA, mostraram que a noção de que a instituição se preocupa com os alunos, diante de medidas pedagógicas de incentivo à permanência na universidade, mostrou-se benéfica ao favorecer o processo de afiliação. Por outro lado, as atividades em si, como os Seminários de Primeiro Ano, não surtiram efeito, isso porque tratavam de atividades extracurriculares que não alteravam a estrutura das aulas regulares e limitavam-se a um determinado número de alunos em um determinado período do curso.

A autora entende que para que tais medidas resultem em uma mudança efetiva, é necessária uma renovação educacional, focada também na sala de aula e nos professores. Não se tratando, portanto, de ensinar o que não foi ensinado anteriormente, mas ensinar a aprender e a renovar o conhecimento. Esta reestruturação pedagógica deveria ocorrer, portanto, a partir da formação docente e da própria estrutura das instituições ensino, já que estas possuem efeito decisivo sobre as práticas em sala de aula. (EZCURRA, 2009, p.38)

Belletati (2011) identifica a necessidade de uma formação docente contínua para que haja o preparo necessário para auxiliar os alunos no enfrentamento destas questões, adotando estratégias de ensino mais eficientes, que promovam uma aprendizagem mais profunda, além do acúmulo de informações. Reside aí a importância da preparação pedagógica dos professores também como estratégia institucional para o sucesso acadêmico dos ingressantes.

3. Mudança de perfil de estudantes – o caso da FAUUSP

A mudança gradual do perfil dos estudantes tem sido um foco importante de discussões nos últimos anos na FAUUSP. A adesão ao sistema de cotas, que ocorreu a partir de 2017, ocasionou também a

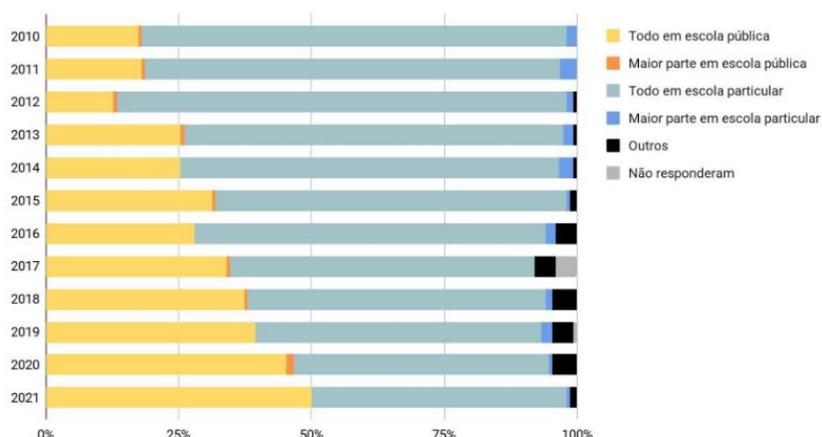
suspensão temporária da PHE⁴, instrumento que era utilizado para aferir habilidades de representação e compreensão espacial dos ingressantes.

Desde então, foram colocados em pauta o impacto da suspensão da prova nas disciplinas e quais seriam os conhecimentos prévios necessários para acompanhamento do curso. A validade da PHE, foi colocada em questão reconhecendo-se a necessidade de revisão de seus conteúdos e procedimentos avaliativos em caso de decisão sobre a manutenção da prova. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2017)

Neste período, também foi observada a mobilização dos estudantes em favor da adoção das cotas e frente a questões como raça e identificação mútua sob diversos aspectos, o que repercutiu na formação de coletivos.

Em levantamento elaborado pelo Grêmio da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design (GFAUD) com dados da Comissão de Graduação da FAUUSP (CG FAUUSP) e da Pró-Reitoria de Graduação de USP (PRG USP), constatou-se que em 2021 a quantidade de ingressantes que haviam realizado seus estudos do ensino médio em escola pública chegou a 50% (fig.1), atingindo assim o objetivo da Lei de Cotas nº 12.711 de agosto de 2012⁵.

Figura 1: Ensino médio – ingressantes



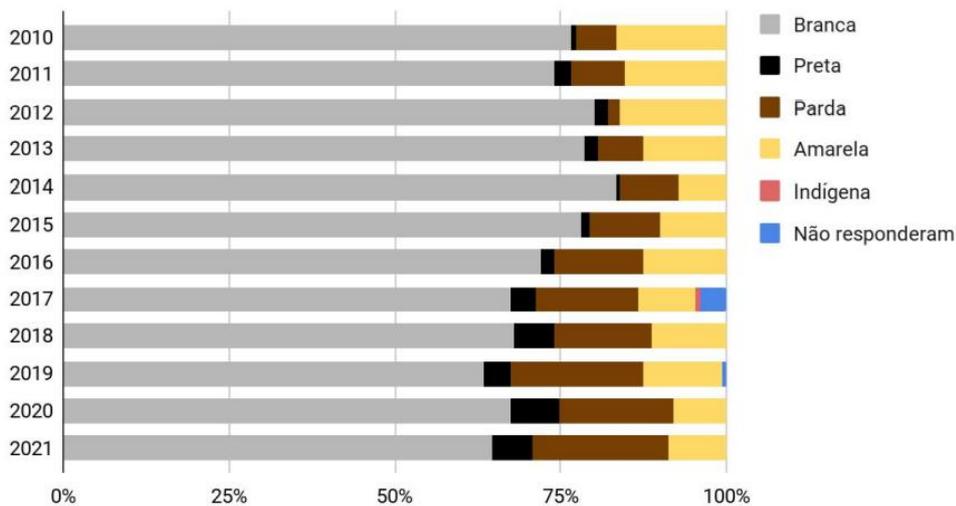
Fonte: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2021b

Pode-se verificar também que houve uma queda na renda familiar dos estudantes (fig.2), ao mesmo tempo em que houve um crescimento na diversidade racial (fig.3) e na diversidade de origem geográfica (fig.4).

⁴ Conforma a Portaria Normativa nº21, de 5 de novembro de 2012, que dispõe sobre o Sistema de Seleção Unificada – Sisu: “Parágrafo único. Não poderão ser oferecidas por meio do Sisu vagas em cursos: I - que exijam teste de habilidade específica”.

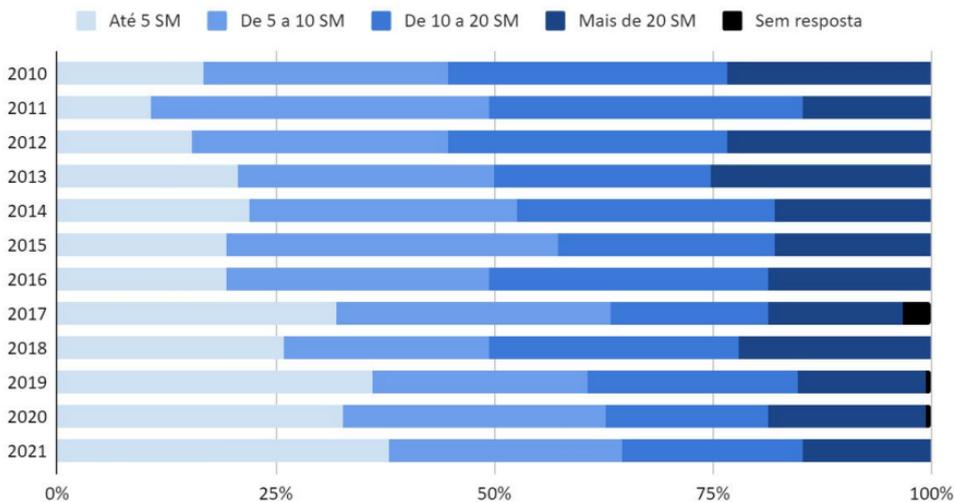
⁵ Determina a reserva de 50% das vagas para estudantes oriundos de escola pública.

Figura 2: Raça – ingressantes



Fonte: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2021b

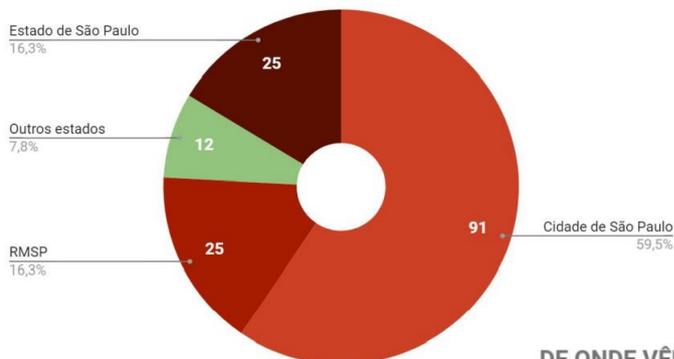
Figura 3: Renda Familiar – ingressantes



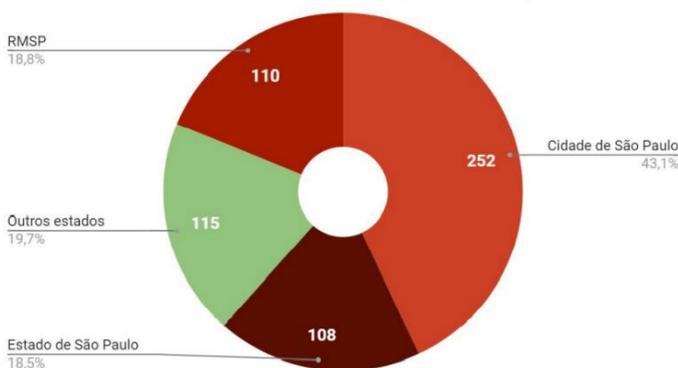
Fonte: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2021b

Figura 4: Origem geográfica – ingressantes

DE ONDE VÊM OS ALUNOS DA FAU (ANTES DE 2017)



DE ONDE VÊM OS ALUNOS DA FAU? (2017-2021)



Fonte: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2021b

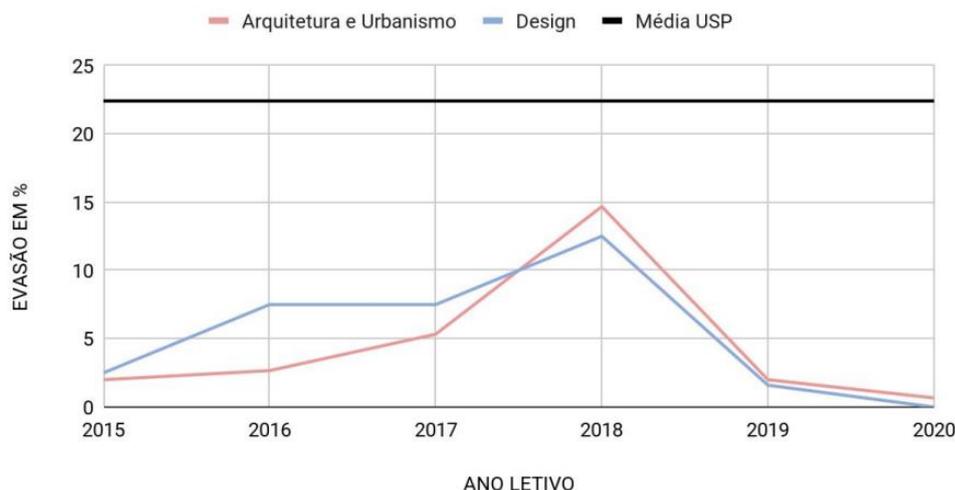
Estes são alguns dos dados que comprovam a diversificação do perfil dos estudantes como impacto da adesão ao sistema de cotas em relação à pretendida democratização e nacionalização do acesso à universidade pública. Ao mesmo tempo, reforçam a urgência do enfrentamento de questões que emergem a partir dos números, mas que estão presentes no contexto dos estudantes da FAUUSP.

3.1 Políticas e ações de inclusão, acolhimento e permanência

A agenda de políticas de inclusão, acolhimento e permanência integram ações específicas promovidas pela comunidade FAU, além das medidas institucionais da USP, como possibilidade de moradia estudantil e programas de bolsas.

Embora a FAU não possua um índice de evasão representativo em relação às demais faculdades da USP (fig.5), desafios relativos à permanência como possibilidade financeira de aquisição de materiais, gestão do tempo e aprendizagem de novas linguagens de expressão e representação mostram-se como questões a serem enfrentadas.

Figura 5: Índice de evasão



Fonte: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2021b

Desde 2017 são entregues a todos estudantes ingressantes um kit de materiais. O chamado “kit bixo” contém lápis, borracha, lapiseiras, esquadros, compasso, entre outros materiais básicos para acompanhamento do curso. A seleção destes materiais é feita a partir da consulta aos docentes e discentes e a compra é financiada pela PRG USP. (NAOE, 2019)

Em decorrência dos efeitos da pandemia da COVID-19, as discussões acerca da necessidade de acolhimento e de revisão didático-pedagógica foram intensificadas. Por meio do edital PRG 01/2020-2021 “Programa de Estímulo à Modernização e Reformulação das Estruturas Curriculares dos Cursos de Graduação da USP – Novos Currículos para um Novo Tempo”, promovido pela PRG USP, a Comissão de Graduação e a Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo iniciaram a realização do projeto “Repensando o Primeiro Ano”.

Foram realizadas oficinas e mesas redondas com a participação de estudantes, docentes e convidados, distribuídas em três eixos temáticos: “Linguagens e representações como processos de construção do conhecimento”, “Fundamentos da arquitetura e do urbanismo: temas introdutórios” e “Projeto e conhecimento como articulação de saberes”.

Destes encontros foi gerado um relatório síntese, divulgado na página virtual do projeto, que conta com diversos apontamentos a partir dos quais é pretendida a organização de ações que contribuam para o aprimoramento didático das disciplinas do curso e das relações estabelecidas entre professores e alunos. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2021b)

A primeira ação ocorreu no início do semestre letivo de 2022 com a semana “Primeiro ano saudável e pede passagem”, onde foram realizados debates, visitas de campo e atividades de desenho e maquete em conjunto. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2022)

4. Método

Diante do exposto sobre as dificuldades dos estudantes ingressantes e possibilidades de inclusão, é possível destacar alguns aspectos para discussão no âmbito específico do curso de AU. Neste artigo são abordados, através de análise qualitativa, baseada nos procedimentos de Bardin (1977), o *ajuste social* (ESCURRA, 2009) e o *capital cultural* (BORDIEU, 2011) como conceitos considerados relevantes para uma análise preliminar.

Para a análise foram utilizadas as percepções dos participantes da conversa publicada no vídeo “FAU em Prosa – PHE e formação na FAUUSP”⁶ e os itens registrados nas pranchas síntese publicadas no relatório do projeto “Repensando o Primeiro Ano”, desenvolvidas durante as oficinas. Foram consultados também documentos disponíveis no site da FAUUSP referentes ao debate acerca da suspensão da PHE.

5. Perspectivas sobre um outro perfil de estudante na FAUUSP

5.1 Ajuste social

O ajuste social (EZCURRA, 2009), configura um desafio inicial de estabelecimento de relações dos estudantes com seus colegas e professores, diante dos receios ocasionados pela nova condição acadêmica. As dificuldades com novos conteúdos e com uma dinâmica diferente de estudos desencadeiam fragilidades a partir de comparações e julgamentos. A entrada na universidade, é marcada por um imaginário de aulas e da profissão que remetem à perfeição, domínio de conhecimentos prévios específicos, habilidades artísticas e talentos supostamente inatos.

Tal visão, característica do senso comum, é reforçada pelo histórico de seleção que, até pouco tempo, exigia de fato conhecimentos prévios específicos que extrapolavam o que é estudado no período escolar⁷. Este estigma se estabeleceu como gerador de ansiedades, e ainda permanece como um fator que compromete a relação dos estudantes com a faculdade.

Aparecem nos discursos dos alunos dificuldades quanto à transição entre o ensino médio e a faculdade, competitividade por meio da corrida por aprendizado de ferramentas que se enquadram em demandas de mercado, e um certo desapontamento na relação com os professores ao solicitarem uma escuta ativa e ao reivindicarem por uma educação que considere suas experiências e referências. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2021)

Estes apontamentos reforçam a importância de continuidade da discussão sobre tópicos já levantados pela Comissão de Graduação e pela Congregação FAUUSP no documento emitido em 2017 sobre a suspensão da PHE:

⁶ Descrição do vídeo disponível no canal do Youtube da FAUUSP: “Por ocasião do calendário de discussões sobre a Prova de Habilidades Específicas na FAUUSP, Flávia Brito, Professora da FAU USP recebe para uma conversa os estudantes de graduação Allan Pedro, Felipe Martins, Isabela Rodrigues e Mariana Nunes para dialogar sobre as suas experiências concretas e trajetórias diante das especificidades das formações na Faculdade, da supressão da prova, das demandas da graduação e, finalmente, das expectativas de ensino-aprendizagem.” (FAUUSP, 2021)

⁷ Conforme Braida et al. (2019), o conteúdo das questões de geometria constantes nas PHE de 2006 a 2016, estariam presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), contudo, os autores questionam se de fato as escolas cumprem de forma efetiva o currículo básico exigido.

“d) Necessidade de avaliação, com vista a eventuais reformulações e/ou adaptações nas disciplinas dos cursos de graduação da FAU, a partir de alguns eixos:

- Permanência estudantil nos cursos de graduação da FAU;
- Articulação interdisciplinar capaz de contemplar o repertório cultural trazido pelos alunos;
- Novas formas de ensino e avaliação” (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2017)

Com a adoção definitiva da política de cotas para o ingresso em 2021, somam-se aos fatores didático-pedagógicos, questões relacionadas a desigualdade social, algo que está presente nas discussões a partir do reconhecimento do caráter elitista do curso, mas que possui ainda outros campos para debate.

Neste sentido, destaca-se a mobilização dos estudantes com a formação de coletivos, através dos quais se estabelece a noção de pertencimento, algo que é entendido como importante forma de reversão dos impactos da fragmentação social e acadêmica. (COULON, 2017; EZCURRA, 2009)

5.2 Capital cultural

Ezcurra (2009) conclui que no caso dos estudantes ingressantes em universidades, o capital cultural enunciado por Bordieu (2011) refere-se ao conhecimento. Assim, a autora apresenta em suas pesquisas o que chamou de “dificuldades por ignorância”, algo que teria relação com o perfil e as habilidades cognitivas dos novos alunos, envolvendo saber pensar versus memorizar, e saber aprender versus saber estudar. De modo que a diferença do novo perfil de estudante universitário não se resume apenas a origem social, mas também é relacionada com questões psíquicas e ao espaço cultural de origem.

No caso dos estudantes de AU, é manifestada a preocupação sobre o que se entende como conhecimento prévio necessário para o curso. Conforme relatado pelos alunos, existe frustração durante os processos avaliativos diante da expectativa por parte dos docentes sobre melhores resultados, geralmente vinculados à premissa de um entendimento de determinados assuntos sobre os quais os estudantes estão, na verdade, estabelecendo um primeiro contato.

Na conversa intitulada “FAU em prosa – PHE e formação da FAUUSP”, a aluna Mariana relata a mudança de sua relação com o desenho em decorrência desta frustração⁸:

“Eu sempre gostei de desenhar, (...) [mas] no começo eu entrei na FAU e eu enfrentei um lugar de exposição que acabava me deixando um pouco vulnerável. (...) eu acho que eu entrei nessa faculdade esperando aprender algo e acabei encontrando uma demanda de um desenho e de uma prática que eu realmente não tinha.” (FAUUSP, 2021)

Nas pranchas síntese produzidas nas oficinas do projeto “Repensando o Primeiro Ano”, além da dificuldade com o desenho e a linguagem arquitetônica, observa-se a manifestação sobre a dificuldade com a escrita acadêmica e a concepção de que o conteúdo aprendido no ensino médio não é suficiente para a compreensão dos conteúdos da faculdade (fig.6). São demonstradas também dificuldades de

⁸ A transcrição das falas dos estudantes foi realizada pela autora a partir do vídeo disponível no canal do Youtube da FAUUSP.

articulação entre as disciplinas e entre teoria e prática. Tais fatos reafirmam a diferença entre o capital cultural esperado e um capital cultural real da qual participam os novos alunos.

Figura 6: Exemplo de prancha síntese gerada por professores e alunos nas oficinas do projeto “Repensando o Primeiro Ano”.

Prancha síntese da Sala 3



Fonte: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2021

A PHE aparece na discussão com frequência quando o desenho é referido. No vídeo, a aluna Isabela relata sua dificuldade durante a preparação para a seleção do curso de AU, que se prolongou durante quatro anos até que a prova de habilidades específicas fosse suspensa. Ao responder a pergunta sobre como foi a adaptação ao contexto de aulas, ela diz:

“Eu acho que foi um longo processo pra eu tentar me encaixar no padrão de desenho realista antes de eu descobrir que tava tudo bem. E eu acho que nesse momento já não tinha mais volta, já tinham sido uns três anos tentando mudar o meu traço e tentando mudar o jeito que eu desenhava antes de eu conhecer alguém da FAU que virava pra mim e falava “não, mas cada um tem seu traço”, o que parece uma coisa óbvia né quando a gente entra na faculdade e tipo, cada um tem seu traço.” (FAUUSP, 2021)

Apontamentos de alunos demonstram esta noção, adquirida durante a faculdade, de que existem diversos caminhos além do que é compreendido e difundido como certo e errado. A importância de

aprender com os erros, da construção de autonomia e da busca por uma forma própria de expressão integram este debate.

Os documentos analisados sobre a discussão de suspensão da PHE, disponíveis no site da FAU, demonstram que ainda há controvérsias sobre o assunto, mas que existe consenso sobre a necessidade de revisões didático-pedagógicas que favoreçam efetivamente a democratização de acesso ao curso.

Entende-se que a tomada de consciência sobre estas necessidades é fundamental para o enfrentamento das dificuldades em relação ao capital cultural que permeiam o início da vida acadêmica, pois permite a reflexão contra o automatismo já estabelecido nas atividades da universidade. (COULON, 2017, p.1247)

6. Considerações finais

A relação estabelecida entre os apontamentos dos estudantes no caso da FAUUSP e os estudos sobre a adaptação dos alunos ingressantes, presentes nas pesquisas de Belletati (2011), Coulon (2017) e Ezcurra (2009), demonstra a pertinência desta investigação como base para a proposição de estratégias que contribuam para o sucesso acadêmico dos novos estudantes.

Diante das transformações ocasionadas pela ampliação do acesso às universidades, por diferenças geracionais ou pela adoção de novas ferramentas tecnológicas, o entendimento sobre a questão do capital cultural (BOURDIEU, 2011) no ambiente universitário pode configurar uma importante base teórica para o enfrentamento de desafios como a real democratização do ensino superior.

Ao confrontar documentos referentes ao debate sobre a suspensão da PHE como parte da seleção da FAUUSP e os princípios de ajuste social e de capital cultural, este trabalho procurou provocar uma reflexão inicial sobre a necessidade de conhecimento do perfil atual dos estudantes e sobre a importância de se atentar para salas de aula cada vez mais diversas e com necessidades que extrapolam as tradicionais demandas da profissão durante o período de formação.

Este texto limita-se a uma análise inicial da situação e dos documentos referidos como parte integrante de uma pesquisa de doutorado em andamento da autora, mas espera-se que a partir deste estudo outras reflexões acerca da promoção do diálogo e do (re)conhecimento de estudantes e professores possa ser empreendida também em outros contextos de formação de arquitetos e urbanistas.

Referências:

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BELLETATI, Valéria Cordeiro. **Dificuldades de alunos ingressantes na universidade pública: alguns indicadores para reflexões sobre a docência universitária**. 2011. Tese – FEUSP, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04082011-115006/en.php>. Acesso em 14 jul. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Capital cultural, escuela y espacio social**. México: Siglo XXI, 2011

BRAIDA, Frederico; VERTUAN, Rodolfo E.; ANDRADE, Rodrigo M. D. Design e o ensino da Geometria no Brasil: das Provas de Habilidades Específicas à matriz curricular do curso de Design da Universidade

de São Paulo. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, vv.27, n. 3, 2019, p. 116 – 129. Acesso em 14 jul. 2022.

COULON, Alain. **O ofício de estudante: a entrada na vida universitária**. Educ & Pesquisa., São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v43n4/1517-9702-ep-43-4-1239.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2022.

EZCURRA, Ana Maria. **Os estudantes recém-ingressados: democratização e responsabilidades das instituições universitárias**. In: PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel de (orgs), Pedagogia Universitária. São Paulo, EDUSP, 2009, p.91-127. Disponível em: <http://www.prrg.usp.br/attachments/article/640/Caderno_2_PAE.pdf> . Acesso em 13 jul. 2022.

FAUUSP. **FAU em prosa – “Prova de Habilidades Específicas e formação na FAUUSP”**. Youtube, 13 set. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eRLx-vqBhFg>>. Acesso em 15 jul. 2022.

NAOE, Aline. **Calouros de Arquitetura e Design da USP recebem kit com materiais de desenho**. Jornal da USP, São Paulo, 01 jan. 2019. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/universidade/calouros-de-arquitetura-e-design-da-usp-receberao-kit-com-materiais-de-desenho/>>. Acesso em: 16 jul. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Of.AC.019/FAU/2017**. São Paulo: USP, 2017. Disponível em: <https://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2021/02/DECISAO-FAU_Suspensao-das-provas-de-habilidades-especificas-1.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Processo de discussão sobre Prova de Habilidades Específicas**. São Paulo: USP, 2021. Disponível em: <<https://www.fau.usp.br/comunicados-oficiais/discussao-sobre-vestibular-prova-de-habilidades-especificas/>>. Acesso em 15 jul. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Repensando o Primeiro Ano – Relatório Síntese**. São Paulo: USP, 2021. Disponível em: <<https://sites.google.com/usp.br/repensaprimeiro/resultados-preliminares-e-proposi%C3%A7%C3%B5es?authuser=0>>. Acesso em 16 jul. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Repensando o Primeiro Ano: um balanço e um olhar para o futuro**. São Paulo: USP, 2022. Disponível em: <<https://www.fau.usp.br/destaques/repensando-o-primeiro-ano-um-balanco-e-um-olhar-para-o-futuro/>>. Acesso em 15 jul. 2022.